

Ruy fala de Dalcídio

Bailarino das letras nos campos marajoaras

Transcrito do Caderno Dois do jornal "O Liberal"

As palavras entrançadas como cipós, as paisagens recortadas por rios e recendendo a cheiro-cheiroso, as gentes ribeirinhas com seus gestos de água e selva, poesia primitiva que irrompe ao chamado mágico do artista. É a Ilha do Marajó abrindo-se em universos, na arte de dois nativos intérpretes das coisas paraenses: Ruy Paranatinga Barata e Dalcídio Jurandir, um paraense de Santarém e outro de Vila de Ponta de Pedras, e dois amigos de tristezas e de alegrias.

Quando a poesia e a poesia se encontram

"Conheci Dalcídio na década de 30 e, dadas as identificações artísticas e pessoais que nos aproximavam, ficamos logo amigos", conta Ruy, em sua casa na rua Veiga Cabral, onde Dalcídio morava naquela época e para onde coincidentemente Ruy posteriormente mudou-se.

- Dalcídio era muito pobre e essa condição impedia, tanto ele quanto nós, de sonharmos, pelo menos a curto prazo, com o reconhecimento de seu talento literário. Não que duvidássemos dele, ao contrário, mas porque todas as condições eram adversas e ainda com o agravante de que ele morava no Pará, naquela época um Estado culturalmente ainda mais distante dos grandes centros, Rio e São Paulo -, afirmou o poeta.

Porém, contrariando as desalentadoras perspectivas dessa realidade, Dalcídio Jurandir vence em 1940, com **Chove nos campos de Cachoeira**, o concurso Dom Casmurro, promovido pela editora Vecchi, "numa surpresa geral para todos nós e na maior alegria que a literatura concedeu a Dalcídio". Com o dinheiro do prêmio ele publicou o volume laureado e voltou ao Rio de Janeiro, onde fixou residência definitivamente, retornando a Belém apenas por curtos períodos.

Ruy disse que Dalcídio era um homem muito digno, que tinha um imenso orgulho de sua negritude e que sempre manteve-se fiel às suas posições, tanto pessoais quanto ideológicas. Ele afirmou também que sempre, por ocasião de suas curtas passagens pelo Rio de Janeiro, encontrava-se com Dalcídio com quem conversava horas e horas, sobretudo a respeito do livro que Dalcídio estivesse escrevendo pelo tempo das visitas. "Ler para um paraense seus escritos sobre o Pará era para Dalcídio uma forma de exercitar o sentimento nativo que em tanta quantidade existia dentro dele".

Bailarino do Marajó

Ruy afirmou que Dalcídio era muito comedido quanto às bebidas alcoólicas, "embora a elas não se furtasse". E, nas noitadas em que os dois costumavam se aventurar sempre que estavam juntos, a maior diversão para Dalcídio era dançar. "Seguramente, a noção de ritmo, a musicalidade característica da prosa dalcidiana tem muito a ver com sua capacidade para a dança: nas noites cariocas e nos seus livros, Dalcídio era um verdadeiro bailarino do Marajó", conta.

Ruy disse ainda que ele era extremamente sério em todas as suas atividades, o que, aliado ao seu já reconhecido talento literário, assegurou-lhe um grande prestígio entre o meio intelectual carioca da época. "Uma vez, num congresso de escritores realizado em Porto Alegre, por indicação de Dalcídio, fui eleito o segundo secretário do congresso: eu era um total desconhecido e a minha escolha se deveu apenas à liderança que ele exercia sobre nossos colegas".

Tristezas

Na tarde de 27 de novembro de 1962, na livraria José Olímpio, visitada por Ruy sempre que este ia ao Rio de Janeiro, Dalcídio Jurandir diz-lhe, a fala entrecortada, que Mário Faustino havia morrido num acidente aéreo. Pouco tempo depois, outra tragédia atingia os dois amigos e todo o meio intelectual conhecedor de Dalcídio: ele foi acometido do mal de Parkinson. Dezesesseis de junho de 1979: Dalcídio morre, em consequência da doença.

Mas nos olhos marejados de Ruy Barata, e de Francisco Paulo Mendes, e de Benedito Nunes, e de todos os que conheceram Dalcídio, sua presença discreta continua, sua seriedade e tímida presença física permanecem por passos de bailarino.



Dalcídio...



ILUSTRAÇÃO: LUIZ PINTO